

Análise Histórico-Cultural do Personagem Saci na obra de Monteiro Lobato e de Adão Almeida: Um estudo comparativo

Historical-Cultural Analysis of the Character Saci in the works of the Monteiro Lobato and Adão Almeida: A comparative study

Luana Camila dos Santos Gomes¹

Patrícia Aparecida Beraldo Romano²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre a obra literária de Monteiro Lobato, *O Saci* (1921), e a obra *Saci Amazônico*³ (2021), de Adão Almeida, buscando refletir sobre os contextos históricos de produção de ambas. Para isso, o estudo se centra na análise da personagem Saci, que é representada de diferentes formas pelos autores. O estudo é de abordagem qualitativa e bibliográfica, por meio da literatura comparada, tendo em vista que ambas as obras serão estudadas pelo viés comparativo. Nesse sentido, o estudo busca concluir que, apesar das personagens serem as mesmas, suas origens e manifestações diferem em virtude dos diferentes contextos históricos e regionais em que se manifestam. Como teóricos nos pautamos nas discussões de D'ávila (1967), Carvalhal (2006), Lisboa (2002), Santiago (2004), Bhabha (1998), Gregorin Filho (2012), dentre outros.

Palavras-chaves: Literatura Amazônica; Literatura Comparada; Monteiro Lobato; Adão Almeida; Saci.

Abstract: This article aims to carry out a comparative study between Monteiro Lobato's literary work, *O Saci* (1921) and the work *Saci Amazônico* (2021) by Adão Almeida, seeking to reflect of the historical contexts of production of both. To this end, the study focuses on the analysis of the character Saci, who is represented in different ways by the authors. The study uses a qualitative and bibliographical approach, using comparative literature, considering that both works will be studied from a comparative perspective. In this sense, the study seeks to conclude that, although the characters are the same, their origins and manifestations differ due to the different historical and regional contexts in which they appear. As theorists, we are guided by the discussions of a D'ávila (1967), Carvalhal (2006), Lisboa (2002), Santiago (2004), Bhabha (1998), Gregorin Filho (2012), among others.

Keywords: Amazonian Literature; Comparative Literature; Monteiro Lobato; Adão Almeida; Saci.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (UNIFESSPA); Email: lua.gomes@unifesspa.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1896-830X>

² Professora Adjunta IV na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); E-mail: paromano@unifesspa.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0550-8490>

³ Livro sugerido para leitura pelo professor Dr. Gilson Penalva durante a disciplina "Literatura e Sociedade" ofertada no Programa de Pós-Graduação em Letras/UNIFESSPA.

Introdução

Desde muito cedo, busca-se o incentivo à leitura de crianças e adolescentes para envolvê-los em um espaço literário e torná-los leitores. Nesse sentido, a família, responsável pela formação educacional e literária do infante, busca inseri-lo no mundo da literatura voltada para crianças e adolescentes, presenteando-os, quando possível, com histórias clássicas como as de "Chapeuzinho Vermelho", "O Patinho Feio", dentre tantas outras histórias que resgatam o universo oral de nossas origens, tentando despertar o interesse das crianças e jovens pela leitura e pelo universo letrado. No processo, os professores se tornam mediadores do letramento escolar e contribuem para reforçar e/ou incentivar o gosto pelo universo da literatura, seja ela oral, seja escrita, a fim de auxiliar na construção de novos conhecimentos.

Podemos dizer que é por meio da leitura de livros da literatura infantil e juvenil ou ainda de contação de histórias que crianças e adolescentes conseguem desenvolver de forma mais criativa a imaginação bem como tudo que a ela pode se relacionar, como, por exemplo, os processos de escrita de textos, além da leitura oral e silenciosa. Além disso, a partir da leitura de literatura, torna-se possível, também, trabalhar o socioemocional, pois os sujeitos, ao entrarem em contato com a historicidade e os valores presentes nas histórias, podem desenvolver e/ou aperfeiçoar costumes e hábitos descobertos por meio da leitura e também polemizá-los.

Quando pensamos em literatura para a infância e para a juventude, não podemos deixar de citar a relevância que o autor Monteiro Lobato representou para este universo. Foi escritor de muitas obras, tanto para o universo adulto quanto infantil. Todavia, com a saga infantil de 23 livros da turma do Sítio do Picapau Amarelo ele passou para a história da literatura infantil brasileira como o primeiro escritor preocupado em trazer para esse universo temáticas divertidas, sempre ligadas ao universo da fantasia, e com uma linguagem que atingisse o público infantil das décadas de 20 a 40 do século XX. Cem anos depois de sua primeira publicação para as crianças, *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920), suas obras, mesmo em domínio público, continuam a ser publicadas e reeditadas.

Segundo D'ávila (1967):

Outro notável acontecimento dessa década (1920-1930) é *A menina do Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, livro que foi, como

testemunhamos, no tempo, um fenômeno de intensa repercussão. Nunca outro livro havia provocado tão profundo interesse e tão forte quebra dos cânones tradicionais em obras de leitura. (...) Uma galeria de tipos entrou a empolgar a criança brasileira, com as suas travessuras e as suas graças entre a realidade e os véus do sonho, galeria de figuras bem traçadas de Rabicó, Emília, Pedrinho, D. Benta e Sabugosa. (D'ÁVILA, 1967, p.41)

Com a veiculação de *A menina do Narizinho Arrebitado* nas escolas, Lobato descobriu um nicho mercadológico que impulsionou todas as obras publicadas na sequência. O mundo de imaginação e fantasia por ele criado fez a infância de várias gerações de crianças e adolescentes ser mais divertida e mais crítica também, pois além de temáticas que chamavam as crianças à diversão, com uma linguagem que atingia o universo desse público, Lobato não poupou forças para levar para o interior de suas obras infantis temas caros a ele, como a Segunda Guerra Mundial (*A Reforma da Natureza* e *A Chave do Tamanho*), a questão do petróleo (*O Poço do Visconde*) e até mesmo o marasmo no serviço público brasileiro (*Caçadas de Pedrinho*).

Este artigo objetiva realizar um estudo comparativo entre a obra *O Saci* (1921), de Lobato, e *O Saci Amazônico* (1921), de Adão de Almeida. A publicação de Monteiro Lobato ocorreu em 1921, e foi pensada a partir da investigação que o escritor fez no jornal *O Estado de São Paulo* sobre a figura do Saci-Pererê no Brasil. A partir dessa pesquisa, publicada em livro sob o título de *O Saci-Pererê, resultado de um inquérito*, em 1918, nasce *O Saci*, obra infantil. Depois de muitas reescritas e reedições, o texto com o qual hoje nos deparamos é o publicado nas *Obras Completas*, de 1947.

Nela, o escritor adapta a narrativa do Saci Pererê para a trama do Sítio do Picapau Amarelo. A personagem principal da história é um Saci, criatura de uma perna só, peralto e brincalhão, o qual costuma pregar “peças” nos moradores do Sítio e gosta de pitar e fazer redemoinhos de vento. Ao ser capturado por Pedrinho, o Saci consegue convencer o menino a soltá-lo. Em troca, Pedrinho quer conhecer os segredos da floresta tendo o Saci como guia. Ficam amigos e vão enfrentar vários perigos juntos, inclusive, os da Cuca, uma das criaturas mais terríveis da floresta. Ao final, o menino, enriquecido pela aprendizagem adquirida com o Saci, desiste de tê-lo como prisioneiro no Sítio e lhe restitui a liberdade.

O outro saci sobre o qual pretendemos conversar pertence a uma obra que surge praticamente cem anos depois da de Lobato, em 2021. Trata-se de *Saci Amazônico*, do escritor amazônida, Adão Almeida. A história se passa na região de Marabá, Sudeste do Pará,

e apresenta Esmeralda, uma menina filha dos castanhais, que nascera na floresta e, segundo o autor, conhecera até a história de como o Saci perdera sua perna.

A partir da análise desses livros busca-se responder aos seguintes questionamentos: o personagem Saci retrata aspectos históricos vivenciados em épocas diferentes na análise realizada por cada autor dos livros trabalhados? Quais aspectos culturais e históricos são relevantes nas obras estudadas? Quais temáticas as obras em questão abordam e como são importantes para o momento em que cada uma foi elaborada? Por isso, como forma de responder a esses questionamentos e a outros que possam surgir da investigação deles, o foco deste artigo é analisar como o personagem Saci é caracterizado nas obras de Monteiro Lobato e Adão Almeida, considerando o contexto histórico e cultural no qual foram escritas.

1 De Lobato a Almeida

Monteiro Lobato quase dispensa apresentações. Está presente em todas as histórias da Literatura Brasileira, em especial, pela produção que a academia costuma chamar de "obra adulta". Ficou deveras conhecido pela querela sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, pois publicou artigo fazendo uma análise do que viu e do qual pouco teria gostado. A mídia da época fez recorte descontextualizado de seu famoso artigo "Paranóia ou Mistificação" e Lobato acabou passando para a história como alguém que teria prejudicado a pintora Malfatti por conta de texto crítico sobre a obra dela. O que pouco se falou, entretanto, foi que no artigo Lobato faz um reconhecimento da gigante artista que era Anita Malfatti, mas desgosta daquele momento artístico dela e se sente no direito de fazer esse registro. Tão fato isso se confirma que Malfatti fez duas capas para obras de Lobato publicadas pela editora do escritor na época, a Monteiro Lobato e Cia. Vejamos:

Talvez já se tenha iniciado uma benvinda rediscussão das relações de Monteiro Lobato com Anita Malfatti a propósito de questões à primeira vista não tributárias de crenças estéticas. Estudo sobre a "Monteiro Lobato & Cia" mostra que em 1922, então à frente da editora que lhe leva o nome, Monteiro Lobato encomenda a Anita Malfatti capa para dois livros que lança: *O homem e a morte*, de Menotti Del Picchia e *Os condenados* (A trilogia do exílio), de Oswald de Andrade. O gesto é forte: mostra um Lobato perfeitamente capaz de patrocinar Malfatti, lançando livros nos quais o estilo da pintora parecia adequar-se ao conteúdo, o que sugere que a relação entre ambos tenha ficado bem menos azeda do que aponta a história literária mais canônica. (LAJOLO, 2009, p. 106).

A fama como escritor de literatura infantil chegou a partir de 1920, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. A partir desse momento, Lobato descobre um recorte pouco explorado de literatura no Brasil e, preocupado também com a pouca produção de textos que ele considerava interessantes para os pequenos leitores, resolve investir nessa vertente. Em 07/05/1926, registraria sua vontade de escrever para crianças em carta enviada ao amigo Rangel:

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Grant (LOBATO, 1957, pp. 292-293).

Os estudos teóricos que se têm feito até hoje de Literatura Infantil e Juvenil sempre apresentam o escritor e sua saga do Sítio como um divisor de águas da vertente da literatura infantil brasileira:

[...]o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, corporifica-se no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil -não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira, o que corresponderia a assumir uma atitude retrógrada, se lembrarmos que o país começava a passar por um avançado processo de urbanização para o qual Lobato estava totalmente alerta (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 101).

Em 2019, a obra de Lobato entrou em domínio público. Muitas novas edições apareceram no mercado publicadas pela Companhia das Letrinhas, FTD e, mais recentemente, pela Nova Aguilar, que trouxe uma edição de luxo das obras completas de Lobato.

Adão Almeida dos Santos, nascido no ano de 1973, no interior do estado do Tocantins, mudou-se com sua família em 1980 para a cidade de Marabá/PA, onde passou grande parte de sua infância. Só aos 40 anos pôde voltar a estudar e começou a escrever textos como cordéis, poemas e pequenos contos. Hoje trabalha na Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo e cursa Biblioteconomia na Universidade Aberta do Brasil (UAB). Reconhece o quanto a escola foi

importante para lhe dar uma oportunidade melhor de trabalho. Envolvido no universo amazônico onde vive, traz para suas obras temáticas da região do Sudeste do Pará, além das histórias de tradição da região. O texto de *Saci Amazônico* nasce nesse universo de contação oral.

Pensando nos diferentes contextos históricos que separam os dois escritores, a década de 20 do século XX e a mesma década do século XXI, portanto, cem anos entre uma e outra obra, e partindo de uma metodologia de estudos comparativos, fundamentada nos pressupostos da literatura comparada, busca-se examinar as duas histórias que trazem o personagem Saci como tema, aspectos que as aproximem e outros que as diferenciem.

Nesse processo comparativo, Carvalhal (2006) lembra que:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso. A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. É bem verdade que, na crítica literária, usa-se a comparação de forma ocasional, pois nela comparar não é substantivo. (CARVALHAL, 2006, p. 8)

Podemos observar que uma literatura comparada pode apresentar duas ou mais obras literárias, sendo as mesmas pertencentes ou não a épocas distintas e ultrapassar fronteiras geográficas, pois a literatura nos dá essa abertura e esse caminhar imaginativo e criativo. Neste artigo pensou-se em dois momentos para desenvolver melhor a temática em questão, de forma que no primeiro trataremos do referencial teórico que embasará as ideias e afirmações presentes no trabalho, como forma de reiterar a importância da temática desenvolvida e, no segundo, da análise comparada entre as obras, destacando nessa análise a do personagem Saci, suas semelhanças e diferenças em diferentes contextos históricos e literários.

2 Considerações teóricas sobre o contexto histórico de Lobato e Almeida

Monteiro Lobato viveu de 1882 a 1948. Nascido seis anos antes da data oficial da chamada Abolição da Escravatura no Brasil, Lobato foi neto de abolicionista. Isso, entretanto, não significa que seu avô, o Visconde de Tremembé, não tenha tido escravos em suas casas e na fazenda em Taubaté, no interior de SP. Os resquícios da escravidão estiveram presentes na vida do escritor, cujo avô, mesmo que apoiador da abolição, manteve ex-escravos em sua fazenda Buquira por anos a fio depois de 1888. O escritor, portanto, viveu nesse contexto e muito possivelmente deve ter ouvido histórias terríveis do tempo da escravidão. O conto "Negrinha", que intitula e abre uma de suas mais famosas obras ditas "adultas", parece ser uma espécie de denúncia que o escritor registrou esteticamente em palavras contra as mazelas que os negros sofreram nessa época. Fazendo uso de uma linguagem carregada de ironia, Lobato denuncia a hipocrisia de uma Igreja que, muitas vezes, apoiou a escravidão, fazendo vistas grossas a famílias fazendeiras altamente devotas de uma religião que lhes permitia agredir pessoas negras. O conto "Negrinha" denuncia a história de uma criança, filha de escrava da Casa Grande, órfã, largada ao descaso social e ao abandono total. Quando a pequena menina, saca de pancadas da velha e devota Dona Inácia, descobre que era uma criança como as outras meninas brancas, sobrinhas da sinhá, sequer consegue viver essa descoberta, já que acaba morrendo de tristeza pelo impedimento de viver como criança que era e pelo abandono que lhe é destinado.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochava-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono.

Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada (LOBATO, 2009, p. 25).

Parece haver aqui uma tentativa de mostrar como as mulheres negras, em especial, foram vitimadas pelas mulheres brancas, através de práticas algozes dessa sociedade escravocrata brasileira, que não se distinguiu em muito das práticas executadas pelos homens. Lembrando Gilberto Freire:

[Em] *Casa grande & senzala* seria no mínimo questionável afirmar que o livro apresenta uma visão unívoca sobre as relações sociais no Brasil. Se há muito lirismo na descrição de como senhores brancos e escravos negros interagem, há também uma narrativa cortante, baseada em inúmeros documentos, sobre a violência sistêmica do patriarcalismo brasileiro e suas principais vítimas: a mulher e a criança negra (MELO, 2006, p. 292).

Marcas dessa época, entretanto, resvalam a obra de Lobato e precisam ser lidas a partir desse contexto em que o escritor viveu. É o caso da descrição final do excerto abaixo que apresenta o personagem Saci, capturado e preso numa garrafa, como pertencente a quem lhe aprisionou, como se escravo fosse de quem conseguiu pegá-lo, tendo em vista a esperteza de um ente da natureza como o Saci. Eis a descrição do Saci da obra infantil de Lobato, feita pelo personagem Tio Barnabé:

O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando renações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pito aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda vida senhor de um pequeno escravo (LOBATO, 2019, p. 15).

Se a ideia de aprisionar um Saci como um escravo remete ao momento histórico de resquícios da escravidão, 1921, a liberdade que o personagem ganhará na sequência desfará qualquer equívoco, afinal, a sabedoria de Pedrinho, advinda dos livros e da sabedoria de Dona Benta, também advinda dos livros, não será insuficiente para salvá-lo das agruras da Floresta. Somente um ser dela, que conhece e respeita suas leis e limites, é capaz de ajudar o menino a

escapar de ser devorado pelos entes fantásticos da Floresta. Dessa forma, respeito e liberdade caminham juntos, parece que escravidão estava fora das premissas narrativas da obra⁴.

Adão Almeida, cem anos depois de Lobato, escreve seu *Saci Amazônico* no contexto de uma região que muito sofreu e sofre de atividades econômicas exploratórias como a extração da borracha, da castanha, de minérios e de diversos recursos naturais advindos da Floresta Amazônica, hoje condenada pelo agronegócio, em especial, e pela extração desenfreada de minérios. Todas essas atividades, feitas de maneira irregular e exploratória, muitas vezes usando mão de obra semelhante à de escravos, trazem à tona o quanto o quadro de escravidão no país ainda resiste, mais de cem anos depois de abolida oficialmente a Escravatura. A história de Almeida registra Esmeralda como filha de castanheiro. Muitos desses trabalhadores, vindos de fora do Estado do Pará, chegavam à cidade de Marabá com a ilusão de que suas despesas estavam pagas e de que ali teriam casa, comida, trabalho e poderiam mesmo chegar a enriquecer. Todavia eram contratados de forma irregular e, no momento da pesagem das castanhas, tudo lhes era descontado: casa, comida, medicamentos, roupas, armas, enfim, pouco lhes sobrava da ilusão de ter trabalho digno. O que lhes era oferecido e ainda lhes é, em algumas situações, é a de escravos por dívidas dos senhores dos castanhais. No lugar das castanhas, hoje, impera a extração de minérios.

A menina Esmeralda (talvez mesmo uma referência a esse momento contemporâneo) é assim descrita na obra de Almeida (2021, p.9):

Sua pele tem o tom forte, o marrom, cor de ouriço de castanha-do-Pará. Não sei se por este motivo ela ganhou o apelido de “Filha dos castanhais” ou se por apenas ser a filha querida de seu Manoel Passarinho, um perito castanheiro conhecido em Marabá e adjacências.

⁴Aqui é imprescindível afirmar que racismo e qualquer tipo de preconceito devem ser intoleráveis hoje. É preciso, é necessário ser contra eles. Todavia, é imprescindível ler e discutir obras como as de Lobato para se compreender o momento em que foram escritas, discuti-las e revê-las à luz da sociedade hoje. Mas anulá-las parece-nos uma posição pouco democrática e muito facilitada. Para pensar esse assunto, sugerimos o texto "Racismo delirante' é tratamento grotesco, Monteiro Lobato merece respeito, texto de Ana Lúcia Brandão, publicado em Folha de SP, em 15/02/2021 e disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/02/racismo-delirante-e-tratamento-grotesco-monteiro-lobato-merece-respeito.shtml>, acesso em 24/09/2023, e o texto "Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível", de Thiago Alves Valente, publicado em 25/02/2022, no Jornal da Unesp, disponível em <https://jornal.unesp.br/2022/02/25/monteiro-lobato-rasgado-queimado-cancelado-e-imprescindivel/>, acesso em 24/09/2023.

Adão Almeida apresenta uma Amazônia regional, pois como morador da terra, aborda aspectos como frutas e natureza local - cupuaçu, bacuri, castanha do Pará, açaí, tuturubá-, demonstrando orgulho de pertencer e se sentir filho da terra. Se em Lobato estão presentes o Curupira, a Caipora, a Iara, a Cuca, a Mula sem Cabeça, em Almeida vemos que alguns desses entes se repetem: Curupira, o pai da mata, a Iara, o Pé de Garrafa e a Matinta Pereira. Além disso, estará presente o pajé da aldeia indígena Xikrin, cuja sabedoria com medicamentos é apresentada ao leitor.

Dessa forma, se o Saci de Lobato está mais próximo ao ente fantástico da região Sudeste e da Mata Atlântica, o de Adão Almeida está localizado no Norte do país e na Floresta Amazônica, ambos coincidindo na magia e no conhecimento e recuperando uma prática social brasileira vexaminosa e ultrajante: a escravidão, sempre uma degradação humana a ser combatida, seja em qual contexto ela existir.

3 Do saci de Lobato ao saci de Almeida

A obra *O saci*, de Monteiro Lobato, foi publicada pela primeira vez em 1921 e até sua versão definitiva, em 1947, teve mais oito edições, sendo a nona a que consta nas obras completas e que hoje compramos e lemos em novas edições que surgem no mercado editorial. Lobato fez várias alterações da primeira à nona edição, ampliando a narrativa que conta as peripécias vividas por Pedrinho depois de caçar um Saci muito esperto e arteiro. Vale lembrar que a artimanha para tal empreitada só aconteceu graças aos ensinamentos de Tio Barnabé, personagem que, ao lado da famosa Cuca e do Saci, aparece apenas nesta obra de Lobato.

O Saci gosta de “roubar” os bolos produzidos por Tia Nastácia e é uma personagem muito inteligente, cuja sabedoria e esperteza vêm da sua vivência e não do saber escolar. Embora cause confusão inicialmente, essa imagem de criatura arteira acaba sendo superada pela de um "Ser da Floresta", que guarda a sabedoria dela, respeitando-a e, por isso, transformando-se numa espécie de "professor e mestre" do menino Pedrinho, que quase nada sabia sobre as criaturas da Floresta, a não ser as que Dona Benta contava a partir das leituras que tinha feito sobre. Ao dar voz ao Saci, Lobato também dá voz às histórias da tradição oral, em especial, às de personagens como Curupira, Mula sem Cabeça, Iara, A Porca dos Sete Leitões, Lobisomem e tantas outras, cânones da nossa narrativa nacional de tradição oral. Vejamos:

A obra assim, ganha um matiz mais didático, constituindo-se, por vezes, num verdadeiro manual do folclore brasileiro para crianças, com informações sobre bichos típicos de nossas florestas, além dos debates entre Pedrinho e o Saci acerca do saber letrado em oposição ao saber instintivo e, finalmente, as conversas dos dois, nas quais o Saci parece exprimir a visão pessimista de Lobato sobre o "bicho-homem" (CAMARGO, 2008, p. 93).

Em contraste com esta visão do Saci de um ser que causa confusão por onde passa, na obra de Lobato, o personagem aparece como alguém de bom coração, que ajuda Pedrinho a encontrar Narizinho, quando a menina é capturada pela Cuca, a bruxa da Floresta. Narizinho é salva apenas porque o Saci, dotado de sabedoria milenar, ensina Pedrinho a pensar como a Cuca estaria pensando e, com isso, conseguem, ambos, serem mais espertos do que ela e fazer com que a bruxa caia em sua própria armadilha. Ao conseguirem libertar a menina Narizinho, Dona Benta credita a Pedrinho a categoria de herói, mas o menino corrige Dona Benta dizendo:

– Espere, vovô – disse Pedrinho com modéstia. – Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo Saci? Na verdade, foi ele quem fez tudo. Sem a sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho nada teria conseguido. Absolutamente nada. Agradeça ao saci, que não faz senão dar o seu ao seu dono, como diz Tia Nastácia. (LOBATO, 2005, p.79).

A sabedoria aprendida com o Saci fez Pedrinho também entender que o menino da Floresta era um ser livre, que nunca deveria ficar preso em uma garrafa e, por isso, desiste definitivamente da ideia de mantê-lo preso. Ter sido por ele ajudado fez com que Pedrinho compreendesse a importância de ser livre e até se arrependesse de ter inicialmente aprisionado o menino de uma perna só numa garrafa. Numa época em que os resquícios da escravidão eram muito próximos, uma apologia ao valor da liberdade numa obra destinada à infância parece-nos muito importante. Além disso, ela vem acompanhada do reconhecimento de que nem sempre apenas a cultura letrada era importante, afinal, se fosse apenas por ela, Pedrinho jamais sobreviveria à aventura na Floresta, muito menos conseguiria salvar sua prima Narizinho que tinha sido transformada em pedra pela Cuca. Em determinado momento em que o Saci e Pedrinho conversam sobre a sabedoria da Floresta, Pedrinho afirma:

– Ora, ora! – exclamou o menino. –Não há o que os homens não saibam. Vovó tem lá uma História Natural que conta tudo.

O saci riu-se e tirou uma baforada do pitinho.

– Tudo? Ah, ah, ah!... Livros como esse não contam nem isca do que é, e estão cheios de invenções ou erros. Basta dizer que para cada inseto seria preciso um livro inteiro só para contar alguma coisa da vidinha deles. E quantos insetos existem? Milhões... (LOBATO, 2019, p.38)

E assim, a sabedoria popular do Saci será colocada à prova para manter a ele e a Pedrinho vivos à noite na Floresta e ainda resgatarem Narizinho das garras da bruxa Cuca, o que ocorrerá graças a uma história que o Saci escutara de Dona Benta quando estava aprisionado na garrafa e que aperfeiçoará graças à sua astúcia.

Já o *Saci Amazônico*, de Adão Almeida, começa com uma Apresentação ao Leitor informando que a obra nasce a partir de uma apresentação pública na praça São Felix da Valois, na cidade de Marabá:

O momento reunia docentes e discentes da rede municipal para um evento cultural, então fui convidado a fazer o uso da palavra, não muito situado do que tinha que dizer, optei pelo improviso e comecei a brincar com a garotada, tirei uma leve brincadeira com o nome de uma colega, a ela dei outro nome, chamei de filha dos castanhais em alusão a uma obra literária de sua autoria. Disse a eles que a colega nasceu na selva e que conheceu o Saci, sabia até como ele tinha perdido a perna, isso foi o bastante para que todos caíssem em gargalhadas e daí culminou nessa linda obra, o nosso Saci amazônico (ALMEIDA, 2021, p. 4).

Trata-se da história de Esmeralda, filha de Manuel Passarinho, um castanheiro⁵. A menina acaba tendo amizade com Saci Pererê, um menino, filho de um vizinho do lado do Sul, seu Aristides: "Saci, desde pequeno era irrequieto, gostava de bulir com tudo que via pela frente. Ao conhecer Esmeralda, os dois construíram uma linda e afetuosa amizade. Sempre que ela visitava Saci, ele refazia convite de passear e colher frutos no meio da mata, e lá iam eles a colher cupuaçu, bacuri, castanha do pará, açaí e tuturubá" (ALMEIDA, 2021, p.10).

Segundo o texto, o jovem gostava demais da menina e sentia muito sua falta. Certo dia, para tentar se distrair e amenizar o calor, resolveu entrar na Floresta para pegar cajá e pedir à mãe que lhe fizesse um suco. O pai foi contra a ideia em virtude dos perigos da Floresta, mas o menino não o ouviu. Já no momento de regressar para casa, algo estranho começa a se passar. O menino fica muito assustado e:

⁵Atividade econômica que faz parte da cultura local do município de Marabá.

[...] tenso, sua respiração tornou-se ofegante, oscilando, querendo parar. Do meio da mata deserta e escura, surgiu um assovio asqueroso e retinido fiu !!!!!!!! Angustiado a alma do pequeno garoto, o pobrezinho ficou paralisado, de repente, uma enorme cobra que parecia uma anaconda deu um bote certo, enlaçando suas pernas (ALMEIDA, 2021, p. 14).

O que ocorre a seguir, é típico de um texto de tradição oral da região, clima de mistério e medo e presença de seres sobrenaturais da Floresta. Saci, com muito medo, grita por Esmeralda. A menina, em sintonia de amizade com o rapaz, escuta por seu pedido de ajuda e aciona seus amigos da Floresta:

Esmeralda rapidamente acionou as amigas que tinha, e em um piscar de olhos todos estavam a sua inteira disposição para ajudá-la. Chegou Curupira, o Pai da Mata, a Iara, o Pé de Garrafa e a Matinta Pereira. O Saci se via quase desfalecido; rapidamente os socorristas o pegaram pelos braços, cabelos e pernas e fizeram o resgate: conseguiram sim salvá-lo com vida, mas a parte inferior de uma das suas pernas ficou presa na boca da robusta cobra, que foi engolindo famintamente. Os amigos levaram Saci à casa de seu pai que imediatamente foi à tribo dos Xikrins em busca de ajuda (ALMEIDA, 2021, p. 18).

A ajuda do pajé dos Xikrins foi muito importante para que Saci Pererê se recuperasse do acontecido e, entendendo o quanto os perigos da Floresta ficariam mais difíceis, a partir daquele momento, de serem enfrentados por Saci, o pajé Xikrin resolve presentear-lo com um objeto mágico: a carapuça vermelha: “O gorro é encantado, ou seja, o pajé deu a ele os poderes das ervas da floresta, deixando-o invisível, podendo estar em qualquer lugar que queira, livre dos perigos e dos olhos maldosos” (ALMEIDA, 2021, p. 20).

Percebe-se aqui que o texto é o registro escrito de um conto criado oralmente pelo autor. Não se sabe se ele teria ouvido tal história de alguém anteriormente ou se a ideia, de fato, como ele afirma no início, surgiu totalmente no momento da contação oral e com base em sua experiência letrada. O interessante nessa história é pensar que, cem anos à frente de Lobato, Adão Almeida recupera um possível relato de tradição oral que pode ser frequente na região para explicar o que ocorre quando alguém é atacado pelas conhecidas "cobras grandes", história de tradição oral da região e que, muito possivelmente, deixa muitas pessoas debilitadas quando elas conseguem sobreviver à emboscada de tal animal ou de qualquer

outra situação para a qual não exista uma explicação lógica suficientemente crível. Seria, portanto, o Saci Amazônico, algumas dessas pessoas que vivem no interior rural da região e que foram atacadas por um desses Monstros da Floresta ou das águas, sejam eles quais forem, quando, em algum momento da vida, as pessoas não obedeceram aos mais velhos, a quem pertence a sabedoria.

Parece-nos muito importante esse resgate regional, no século XXI, que recria uma lenda de tradição oral brasileira existente nas raízes culturais do povo de norte a sul do país. O Saci Amazônico, por sua vez, contado na região de Marabá, pela voz de Adão Almeida, parece humanizar a lenda, na medida em que o referencial mágico dela surge a partir de uma cena fatídica da Floresta, sempre vista em seu universo mágico de encantarias amazônicas. Seja na obra de Lobato, seja na de Almeida, os referenciais sobre a exploração humana se fazem lembrados e contribuem para a construção da lenda do Saci que habita o imaginário dos habitantes de cada região.

Considerações Finais

Como vimos, as obras trabalhadas pertencem a períodos histórico-culturais diversos. Elas retratam a história do Saci, personagem das histórias de tradição oral importante para a construção da cultura tanto regional como nacional, porém, com abordagens temporais e históricas diferentes.

Observamos que as obras *O saci*, de Monteiro Lobato e *O saci Amazônico*, de Adão Almeida, pertencem sim a dois momentos históricos diferentes, pois retratam a cultura vivenciada respectivamente na região Sudeste e na região do Sul do Pará, Marabá. E, apesar de terem sido escritas em ambientações diversas, apresentam realidades comuns, quando, por exemplo, consideramos a presença do regime de trabalho de mão de obra barata e/ou escravocrata descrito pelos personagens das obras. Ademais, ambas as obras representam momentos de desenvolvimento de duas regiões diferenciadas e que ocorreram não concomitantemente. Apresentam, assim, traços de similitude, não só com relação à utilização do personagem Saci, mas também pela caracterização social e histórica das tramas.

Além disso, o personagem Saci é visto de maneira específica em cada obra, pois na obra de Lobato, ele é visto como um brincalhão, peralta, que adora pregar peças nos moradores do Sítio, mas que na trama ajuda Pedrinho a resgatar sua prima Narizinho das garras da Cuca e apresenta ao menino vários personagens mitológicos como a Iara, O

Curupira, etc. Logo, o personagem Saci é comparado a um herói, alguém de destaque por ter feito um bem para Narizinho, salvando sua vida.

Já na obra de Adão Almeida, o Saci é descrito como um personagem que é amigo e que gosta de brincar e colher frutas regionais com sua amiga Esmeralda, porém é necessário a ajuda dos personagens do folclore para lhe libertar da Cobra-Grande. E, por isso, podemos inferir que nesta obra, o Saci já representa um personagem mais frágil, o qual precisa da ajuda de outros seres para conseguir resolver a problemática da trama.

Em relação aos aspectos históricos e culturais, podemos considerar que a obra de Lobato retrata uma sociedade vivenciada no século XX, com a presença de ex-escravos ainda vivendo nas terras de pessoas de posses, como a história do Saci apresenta, inclusive, por trazer para o leitor a figura no Tio Barnabé, o único que sabia caçar Saci. Ao final, o Saci de Lobato é um herói da Floresta que, por dominar seus segredos, consegue libertar Narizinho da Cuca e ainda resgatar sua liberdade.

Por outro lado, a obra de Adão Almeida tem como pano de fundo o desenvolvimento do processo de exploração e cultivo das castanhas no município de Marabá/PA, o que originou o desenvolvimento da cidade como polo regional de agricultura e mineração e, também, originou a presença de trabalhadores imigrantes, os quais vinham em busca de emprego e renda como sustento de suas famílias.

É importante considerarmos que, relacionadas com aspectos amazônicos, podem e devem fazer parte da literatura de uma maneira geral, pois contam histórias carregadas de memórias, que permeiam tanto o universo realista quanto o imaginário local. Além disso, retratam a história oral de um povo, carregada de costumes e crenças ensinadas de geração a geração.

Não se pode desmerecer nenhuma das duas obras, pois cada uma delas foi idealizada em um momento histórico e em tempos diferenciados e refletem as características vivenciadas pelos autores das obras, além de outros aspectos relevantes ao momento histórico.

Como relata Brenman (2012, p.117), citando Freud (1981), com relação a considerarmos os autores, sem desmerecer nenhum:

É evidente que não existe um purismo na obra de qualquer autor de literatura. No artigo “Escritores criativos e devaneios”, Freud (1981) coloca bem a questão da produção literária. O escritor não sabe identificar de onde vem o material de sua escritura, portanto, ela está carregada de sua individualidade consciente e inconsciente. Qualquer autor passa para o texto

(querendo ou não) seus preconceitos, ideais, perversões, sonhos, frustrações, amores, esperanças etc. E é exatamente isso que torna a literatura tão rica, fascinante e humana.

Logo, observamos que por meio da literatura, até mesmo os próprios autores e escritores não conseguem se manter isolados na hora da produção da escrita, pois o processo de escrita também é um processo pessoal, em que os pensamentos e emoções podem falar mais alto e ultrapassar somente o campo das ideias.

Assim, mesmo as obras referindo-se ao mesmo personagem mítico nota-se que, por serem escritas em séculos diferentes e por lidarem com diversas ambientações temporais e espaciais, possuem objetivos comuns, pois ambas, por meio do personagem principal, tentam resgatar a importância do universo do imaginário e das lendas, demonstrando a relevância de trabalharmos com as crianças e jovens estas obras. E, por falarmos da literatura voltada para crianças e jovens, devemos destacar a fala das autoras Lajolo e Zilberman (2022), ao dizerem que:

Outras características completam a definição da literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem, estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois, como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo. E essa propriedade, levada às últimas consequências, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade estampada nem sempre seja renovadora ou emancipatória. (Lajolo, Zilberman, 2022, p. 40)

Podemos refletir sobre o verdadeiro papel que as literaturas para a infância e a juventude representam na vida dos leitores sendo eles crianças, jovens e porque não falar dos adultos. Este mundo de encantamento e liberdade de pensamento, trazido a partir da leitura de obras como as desenvolvidas neste artigo, fazem com que os leitores possam adentrar no mundo de fantasia, desenvolvendo criticidade e imaginação.

Assim, cada obra literária escrita deve ser considerada com relação à ambientação histórica e cultural vivenciada pelos autores, pois esses aspectos influem diretamente na escrita de suas obras.

Referências

- ADÃO, Almeida. **Saci Amazônico**. Marabá/PA, DNA Editora, 2021.
- BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.
- BRENNAN, Ilan. **A condenação da Emília: o politicamente correto na literatura infantil**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CAMARGO, Evandro do Carmo. Algumas notas sobre a trajetória editorial de O Saci. *In* LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João T. **Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- D'ÁVILA, Antônio. **Literatura Infanto-Juvenil, de acordo com o programa das escolas normais**. São Paulo: Editora do Brasil, 1967.
- FREUD, Sigmund. **El poeta y los sueños diurnos**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981, v. 2.
- GREGORIN FILHO, Nicolau. **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.
- GUILLÉN, Cláudio. **Entre lo uno y lo diverso: introducción a la literatura comparada**. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.
- LISBOA, Henriqueta. **Literatura oral para a infância e a juventude**. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- LAJOLO, Marisa. Procura-se Anita. **Revista Patrimônio e História**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 100-114, jun. 2009.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- LOBATO, Monteiro. **O saci**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LOBATO, Monteiro. **O saci**. São Paulo: Montecristo Editora, 2019.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1957, tomo 2.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2009.
- MACHADO, A. M. e PAGEAUX, D.-H. **Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura**. Lisboa, Edições 70, 1981. (Col. Signos, 36.)

MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. **Revista Estudos Avançados** número 23 (67), 2009, pp. 279-296. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/MhpwD9rsFP4VmWhybnCBtpp/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 17/09/23.

SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.